ZANI VITRINE AGRO

arizanni@uol.com.br

"QUEM DÁ MAIS?"

Finalizado o primeiro semestre, o incremento apurado pela indústria de alimentação animal brasileira alcançou 2,7%, muito embora a previsão original de 70 milhões de toneladas de rações e 3 milhões de toneladas de sal mineral redundaria em avanço de apenas 2%. O segundo semestre pode continuar cadenciado aos resultados apurados de janeiro a junho, mas é evidente que a contabilidade final será aferida pelo desempenho das principais cadeias produtivas durante os meses restantes.

O produtor de frangos de corte demandou no primeiro semestre 16,7 milhões de toneladas de rações, um avanço de 2%, enquanto o alojamento de pintos de corte avançou 6% e alcançou 3,16 bilhões de cabeças, muito embora a comparação pode ser considerada desproporcional, por conta da demanda prejudicada durante o segundo trimestre do ano passado, afetado pela paralisação dos caminhoneiros. Apesar do vigor exportador, o consumo pelo brasileiro (frango/capita) pode retroceder em relação ao ano passado, e em consequência a previsão é que a produção de ração para frangos de corte em 2019 contabilize 32,1 milhões de toneladas, um avanço de pouco mais de 1% em relação a 2018.

A produção de rações para poedeiras, ao contrário, não alcançou 3 milhões de toneladas e recuou 2,6%, em resposta ao menor alojamento de pintainhas comerciais, principalmente durante o primeiro trimestre em busca de equilíbrio entre oferta e demanda, já que, desde 2016 o incremento do alojamento alcançava 8%, ano a ano. Segundo o IBGE, a produção de ovos cresceu de abril a junho, e a projeção da ABPA é contabilizar 49 bilhões de unidades até o final do ano. Diante desse cenário é possível que a demanda por rações para postura some 7 milhões de toneladas em 2019.

Já a demanda por rações para suínos somou 8 milhões de toneladas, impulsionada, em boa medida, pela incipiente demanda incremental chinesa, cujo rebanho encolheu aproximadamente 40% por conta da epidemia de peste suína africana. A perspectiva é que a crescente busca pelas proteínas animais e, principalmente, pelo abastecimento por meio da carne suína brasileira, pode redundar na produção de mais de 17 milhões de toneladas de rações, ou seja, um avanço de, no mínimo, 2% em relação ao montante contabilizado em 2018.

No caso das rações para bovinos de corte, a produção de 1,1 milhão de toneladas revelou estabilidade quando comparada ao mesmo período de 2018, sobretudo pressionada pelo aumento no custo dos insumos e pelo descompasso apurado entre o preço do boi gordo e da reposição. Diante da queda na rentabilidade do produtor e do frágil poder de compra doméstico, a expectativa de confinamento ao longo do ano esfriou, muito embora, a eventual valorização da arroba, as exportações consistentes e a habilitação de novos frigoríficos de carne bovina pela China podem revigorar o segundo giro, impulsionar a produção de rações e alcançar mais de 2,6 milhões de toneladas durante o ano de 2019.

A cadeia pecuária leiteira, por sua vez, demandou 2,7 milhões de toneladas de janeiro a junho, um avanço de 11% em relação ao mesmo semestre de 2018, muito embora o mesmo raciocínio se aplique ao comparativo do ano passado, ou seja, a alimentação do rebanho e a coleta do leite sofreram sobremaneira com o bloqueio logístico naquela ocasião. De toda forma, o incremento no consumo de concentrados e silagem foi impulsionado pelo maior poder de compra do pecuarista, já que o preço do leite pago acumulou alta real de mais de 20% no período. Em contrapartida, o aumento da disponibilização nas principais bacias leiteiras concomitante à dificuldade de repassar altas ao varejo enfraquecido, devem afrouxar os preços, atenuar o ímpeto produtor e culminar na produção de 6,2 milhões de toneladas em 2019, ou seja, 4% a mais que no ano passado.

A produção de rações para peixes e camarões durante o primeiro semestre somou 664 mil toneladas, capitaneada principalmente pelo modelo de cooperação integrada da região Sul do País, capaz de abastecer o mercado varejista ainda muito resiliente ao repasse de custos aos preços aos consumidores. A continuidade desse cenário, somada à demanda da carcinicultura que, de certa forma, continua reagindo, pode redundar na produção de 1,26 milhão de toneladas de rações para aquicultura e avanço de 2,5% em relação a 2018. ■

O PRODUTOR DE FRANGOS DE CORTE DEMANDOU NO PRIMEIRO SEMESTRE 16,7 MILHÕES DE TONELADAS DE RAÇÕES, UM AVANÇO DE 2%, ENQUANTO O ALOJAMENTO DE PINTOS DE CORTE AVANÇOU 6% E ALCANÇOU 3,16 BILHÕES DE CABEÇAS

▼
Ariovaldo Zani
é médico veterinário, professor do MBA PECEGE/ ESALQ/USP

Foto: banco de imagem f&f